

SÉRIE

AREA

ARTES CÊNICAS

DIRETORIA DE CULTURA

UNIVERSIDADE

FACULDADE

TÍTULO

MONTE

A TRIBUNA

Destaque

Gobbi, Luiz - ator

capitular

DATA 5.VI.79

A Tribuna - 05/06/79

BR.TBES.C.193

12

Mini-entrevista

LUIZ GOBBI

Vitorina Gonçalves

Ainda criança numa infância vivida em Jardim América, nosso convidado de hoje cresceu misturado às artes. Quando cursava o que chamamos hoje de primeiro grau, teve sua grande experiência no mundo do teatro escolar ao criar um grupo rotativo de atores que atuou por cidades do interior. Unindo-se a outros colegas, nasceu o primeiro texto "Inconfidência Financeira", nos idos de 1968. O texto lhe valeu os aplausos, mas quase não pode ser apresentado devido a censura do diretor. Hoje, nos seus 24 anos, GOBBI reúne qualidades acima de ser simplesmente o diretor artístico do projeto Muqueca. Vejamos então, o outro lado, até agora desconhecido desse jovem atuante em nosso meio cultural, através das respostas.

sação em Cena, Expressão Corporal, Técnicas de Luz, Som, Imagem. Paralelamente tive ainda contatos e aprendizado relacionado ao folclore baiano.

AT — E como foi aplicado esse conhecimento em nossa cidade?

GOBBI — A minha primeira providência foi mudar para Vitória. Pouco depois coordenei um festival de artes, promovido pelo Colégio Americano com patrocínios locais de entidades. Fiz apresentações diversas em números folclóricos e participei ativamente de uma mostra de arte x vanguardismo.

AT — E como apareceu o GOBBI, diretor teatral?

GOBBI — Em 1976, quando entrei para a Universidade para cursar Direito. O Diretório convidou-me para montar a peça "O Auto da Compadecida", de Ariano Suassuna, para a 1ª Mostra de Teatro Universitário. No outro ano, ainda convidado, escolhi um texto de Milson Henriques, "De Como Conquistar um Coronel Sem Fazer Força", onde atuei também, como ator. Foi muito pichado mas, o sucesso foi acima do esperado. Já lá me esquecendo, em 1976, o Tribunal de Contas do Estado solicitou-me uma peça para homenagear os servidores. Utilizando elementos desse órgão, montei "Melão Vermelho".

AT — Fale sobre sua ligação com o projeto Muqueca...

GOBBI — Fui convidado para dirigir o projeto Muqueca, em 1978, por Rogério Coimbra. Depois de conversas mantidas com o então presidente da Fundação Cultural, Marien Calixte, aceitei o convite e o desafio de transformar o projeto em sucesso pú-

blico. Afonso Abreu situou-se sobre a idéia geral do espetáculo. Propus uma linha básica do que poderia ser feito e começamos em 12 de setembro desse mesmo ano com o flautista Carlos Poyares e o violonista Maurício de Oliveira. Até hoje, houve 34 apresentações.

AT — Qual é sua função específica como diretor artístico?

GOBBI — Bem, é a de idealizar, criar, preparar e gerar condições necessárias, para a realização do espetáculo, culminando com a integração do artista

"O artista capixaba existe isolado. Vitória nunca chegou a ter uma tradição artística. Não há consciência histórica"...

local com os de fora. Tento conseguir uma unidade, com algum brilho, no show para que ele aconteça de forma natural. Sou responsável pelo visual, pelo vestuário, equilíbrio, afinação de som, e, em certos momentos, devo conhecer até a biografia artística de quem vai se apresentar. O objetivo é conseguir um intercâmbio musical, entre quem vai se apresentar, sem que haja estrelismo.

AT — E quem escala as duplas?

GOBBI — Afonso Abreu, e ele procura nessa junção, que os trabalhos tenham alguma afinidade, mesmo sendo o estilo dos cantores diferentes. Ressalvo nessa pergunta que a parte de propaganda, hospedagens e alimentação fica a cargo de Rogério Coimbra.



GOBBI — "Eu sou instrumento, meio e fim do meu trabalho".

AT — Cite alguns momentos bonitos no Muqueca...

GOBBI — O show de Dorival Caymmi e Gilberto Garcia onde o povo todo cantou Marina; a espontaneidade de Clementina de Jesus ao participar no espetáculo para os flagelados, sem receber cachê; a platéia saindo contente; o artista local agradecido pela oportunidade e pelo trabalho realizado... e muito mais... que o espaço não cabe para dizer.

AT — Problemas no Muqueca?

GOBBI — Sim, posso citar que o show com Miguelito do Pandeiro e Oswaldo Nunes, foi um fracasso, pois a dupla resolveu fazer o que desse e viesse no palco Carlos Lyra e Sonia Moacyr, não teve direção. A platéia chegou a pedir que Sonia saísse do palco. Não houve direção pois eles mesmos não ofereceram condições para que eu pudesse trabalhar.

AT — Quais os planos da FCES para o muqueca a partir de setembro?

GOBBI — Segundo declarações do diretor presidente dr. Namy Carlos de Souza, é motivar o in-

vestimento artístico, criando mecanismos de produção para espetáculos locais.

AT — Que outras alegrias te deu o Muqueca...

GOBBI — Posso citar que Dorival Caymmi ficou mais dois dias em Vitória, onde cuidamos dos preparativos de um musical "História dos Pescadores", que iniciamos no Rio. Isso para mim, foi excelente. Posso dizer ainda do meu trabalho com Grande Otelo, que, de ator, chegou a cantor, quando aqui se apresentou. O trabalho com o produtor carioca, Paulo Beltrão, onde dirigi o show "Encontro com Mayssa". Participei ainda da montagem do show "Samba, Bossa e Fossa, com Waleska, José Augusto Branco e o cantor Roberto Audy, que está na boite Fossa em Copacabana.

AT — Enquanto se aguarda o Muqueca, o que você faz?

GOBBI — Estou cuidando da produção da peça infantil: "Você sabe Brincar de Brincar?", de Milson Henriques. Esta peça questiona a televisão e tem uma proposta de maior relacionamento entre as crianças, de liberdade

"A arte não é de domínio de ninguém, em particular. Ela é do povo e surge dele. Há alguma subversão nesse processo, muitas vezes por necessidade do processo de criação, do trabalho, outras, por conveniência".

AT — Fale de suas especializações...

GOBBI — com um pouco do que já vinha fazendo desde a infância, em 1972 participei de um concurso de atores coordenado pelo Sesc, de Vitória, que consistia numa montagem. Saí vencedor e fui representar o Estado num festival de Teatro em Salvador. Lá tivemos um curso de Técnicas Teatrais. Improvi-